

Programa REVIVE
COLÉGIO DE SÃO FIEL

Daniela Simões (FCSH-UNL)



Fig. 1- Vista geral do corpo oeste do complexo de São Fiel , acrescentado durante a década de 1890. Composto por três pisos, apresenta ainda numa das extremidades uma torre que serviu de observatório meteorológico até 1910. O muro visível corresponde a um dos antigos recreios do colégio.

Fonte: <http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/colégio-fiel>

Introdução

O Colégio de São Fiel, grande complexo arquitectónico inserido numa vasta propriedade composta pelas dependências colegiais, igreja e sacristia, áreas de serviço, terrenos de cultivo e mata, situa-se no lugar da Pelota, aldeia de Louriçal do Campo, concelho e distrito de Castelo Branco. Dista cerca de 30km desta cidade e encontra-se localizado no sopé da Serra da Gardunha (encosta meridional), bem como nas imediações da Albufeira de Santa Águeda. O complexo arquitectónico integra a Paisagem Protegida da Serra da Gardunha, pelo que, e apesar de não classificado, assume relevância não só pelos sistemas construtivos empregues, mas também do ponto de vista do património integrado.

Este estabelecimento destacou-se como uma das obras de arquitectura mais relevantes daquela região da Beira Baixa, devido, desde logo, à imponência das suas estruturas que, numa região de cariz rural e parcamente povoada, acabariam por se tornar num dos seus “ícones”. A acrescentar a este aspecto, deve ainda sublinhar-se a importância que as várias instituições que neste complexo, ao longo dos tempos, se sediaram, em particular o colégio de direcção jesuítica, apresentaram para o desenvolvimento daquela aldeia e área envolvente, nomeadamente ao nível da escolarização e assistência às populações locais, criação de emprego, diversificação de serviços e melhoria das acessibilidades.

Desde a sua fundação inicial, em 1852, enquanto orfanato para crianças de ambos os sexos daquela região, passando pela sua integração no património da Companhia de Jesus, em 1863, enquanto estabelecimento de ensino privado primário e secundário para rapazes e,

finalmente, após a implantação da República, já enquanto património estatal, com a criação, na década de 20, de um reformatório, posteriormente reconvertido em instituto de reeducação, o complexo arquitectónico de São Fiel atravessou, desde meados do século XIX, até ao dealbar do século XXI, diversas fases de administração e ocupação. Estas acabariam por reflectir-se, do ponto de vista arquitectónico, em várias fases de construção e ampliação, bem como de extensão das propriedades envolventes.

O último período de ocupação deste complexo ocorreu entre 1962 e 2003, aquando da sua actividade enquanto Instituto de Reeducação de São Fiel, tendo, em 2003, encerrado portas definitivamente. No entanto, e já após a sua integração no programa REVIVE em 2016, na noite de 15 para 16 de Agosto de 2017, a maioria das estruturas que compunham o antigo Colégio foram violentamente consumidas por um incêndio florestal deflagrado em Louriçal do Campo. Deste modo, e dado o facto de parte dos corpos arquitectónicos terem ficado reduzidos às suas paredes exteriores, com perdas lamentáveis ao nível de componentes estruturais e decorativas dos interiores, o presente texto foi redigido com base no estado do imóvel principal e estruturas anexas antes da deflagração do incêndio.

A importância e relevância do Colégio de São Fiel em vários levam a que várias sejam já as publicações que se dedicaram ao seu estudo. Neste contexto há, por isso, que destacar publicações recentes como *De Seminário para meninos órfãos de ambos os sexos a colégio de São Fiel (1852-1910)* (2017), da autoria de Leonel Azevedo, *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel 1863-1910* (2016) e *De Colégio de São Fiel a Reformatório (Séc. XIX-XX). Contributos à (re)educação em Portugal* de Ernesto Candeias Martins, *Ciência, prestígio e devoção: os jesuítas e a ciência em Portugal (séculos XIX e XX)* (2015), da autoria de Francisco Malta Romeiras, e *O Colégio de São Fiel – Centro difusor da Ciência no interior da Beira* (2001), de Maria Adelaide Neto Salvado.

As diversas fases de ocupação e expansão do complexo de São Fiel:

1.O orfanato para crianças de ambos os sexos sob a direcção de Frei Agostinho da Anunciação (1852-1862)

O período mais recuado da história de São Fiel remete-nos para a fundação de um orfanato ou seminário para crianças de ambos os sexos na aldeia de Louriçal do Campo, que teve como grande impulsionador e mecenas Frei Agostinho da Anunciação (1808-1874). Antigo frade franciscano que, com a extinção das ordens religiosas em 1834, decide dedicar a sua vida à fundação de orfanatos para o acolhimento e instrução de crianças pobres, Frei Agostinho tomará contacto com a Infanta Isabel Maria, filha de D. João VI, tornando-se seu

confessor e estabelecendo assim uma relação de proximidade com a Infanta que a levaria a tornar-se numa das principais apoiantes e mecenas das suas obras de caridade.

Em 1850, contando com a doação de um terreno por parte do seu irmão Manuel António Ribeiro Gaspar, situado na preferia da aldeia, mais propriamente no Lugar da Pelota, Frei Agostinho dá início, no ano seguinte, à construção do orfanato e seminário. Enquanto as obras na Pelota decorriam, entre 1850 e 1853, o antigo frade franciscano terá instalado o orfanato provisoriamente numa casa de família, situada na Rua do Casalinho, no coração da aldeia do Louriçal. Os dados existentes sobre este período de transição são bastante parcos, sendo de supor que a mudança para o novo edifício no Lugar da Pelota terá acontecido entre 1853 e 1854, ainda com algumas obras a decorrerem (AZEVEDO:2017, 60-61).

Será também neste período inicial que a invocação a São Fiel surgirá. De acordo com Mendes Rosa, ao citar as memórias do padre Cândido Mendes de Azevedo, jesuíta e professor em São Fiel, “as santas relíquias não foram dadas por Pio IX nem a Frei Agostinho nem à Sra. Infanta¹. Foram trazidas de Roma com outras muitas em finais do século 18º ou princípios do 19º e conservaram-se em Lisboa em poder duma senhora titular, que o meu informador supõe ser da casa dos Soutos D’El Rei, a qual as deu a Frei Agostinho. Este obteve o seu reconhecimento pelo Cardeal Patriarca D. Guilherme, que o autorizou a mandá-las modelar em cera” (ROSA:2004, 24-25). A modelação terá ocorrido em Braga, tendo posteriormente as relíquias sido novamente reconhecidas pelo Patriarca e transladadas para a Igreja Matriz de Louriçal do campo, onde ainda hoje se encontram.

Pouco se conhece do edifício originalmente construído para albergar o orfanato-seminário no casal da Pelota, devido não só ao reduzido número de fontes, mas sobretudo ao violento incêndio que na noite de 24 para 25 de Agosto de 1858 aí deflagrou, destruindo por completo todo o conjunto (e possíveis arquivos) que pouco tempo antes tinha sido levantado. Manuel Borges Grainha, na sua *História do Colégio de Campolide...* (1913), revela que, aquando do incêndio de 1858 em São Fiel, o orfanato-seminário albergava cerca de 80 órfãos, pelo que com a destruição total deste espaço “muitos tiveram de recolher a casa das famílias e uns doze vieram residir para o Colégio de Campolide enquanto a casa não se reedificava. Em 1860, reconstruído o edifício, Frei Agostinho entregou a direcção da casa aos [Padres] Lazaristas e Irmãs da Caridade que para ali foram em Setembro desse ano” (GRAINHA:1913, XX). Crê-se que terá sido este o primeiro momento de contacto entre a

¹Em oposição a outras propostas que referem que houve um pedido por parte de Frei Agostinho ou da Infanta à Santa Sé para que fosse enviado ao orfanato as relíquias de um santo, de forma a encontrar um padroeiro para o mesmo. Relatos existem também de que as relíquias em questão continham como única identificação *Christi Martyris Fidelis*, daí surgindo a designação de São Fiel. (ROSA:2004, 24).

Companhia de Jesus e o orfanato-seminário de São Fiel, recordando-se que o ano de 1858 ficaria também marcado pela criação da Missão da Companhia de Jesus em Portugal, por acção do Padre Carlos Rademaker, consolidada pela fundação do Colégio de Campolide em Lisboa, que acolheu assim alguns dos órfãos de São Fiel.

Concluída a reconstrução do orfanato em 1860, Frei Agostinho terá optado por separar a nova administração do colégio em duas secções, entregando a secção dos rapazes à direcção dos Padres Lazaristas, e a das raparigas às Irmãs da Caridade. Estas duas associações ficariam responsáveis pela educação, enfermagem e assistência aos órfãos do reerguido estabelecimento de São Fiel, durante cerca de dois anos, já que em 1862, ambas as congregações seriam expulsas do território nacional. Com a expulsão destas congregações, o colégio foi obrigado a fechar portas até uma nova solução ser encontrada. A este tempo, o orfanato acolhia 45 órfãos e três professores. (ROSA:2004, 31).

É então neste contexto que, a 9 de Junho de 1862, Frei Agostinho, juntamente com a Infanta Isabel, partem para Roma, com vista a solicitar ao Papa o envio de uma nova congregação para a administração e direcção do orfanato. A Companhia de Jesus seria a escolhida (ou imposta) pela Santa Sé, podendo nesta escolha vislumbrar-se uma tentativa de sedimentação da presença da ordem inaciana em solo nacional, a qual a fundação do Colégio de Campolide e do Noviciado do Barro vinham já realizando. Cumprindo as disposições pontíficas, em 1863 chegariam a São Fiel “dois padres e um irmão coadjutor da Companhia de Jesus” (ROSA:2004, 31-32).

Quanto às novas instalações do orfanato inauguradas em 1860, as mesmas podem ser identificadas a partir da observação da planta actual, orientada a sudeste, correspondendo a um conjunto de quatro alas, edificadas em torno de um claustro, localizado na metade este do complexo actual. Este claustro, composto por cinco arcadas em formato abatido em cada quadra, às quais correspondem, na zona do sobreclaustro, cinco janelas de formato quadrangular, remete para os modelos empregues nos conventos franciscanos, situação que se deverá certamente à filiação de Frei Agostinho nesta ordem monástica. As respectivas alas são assim formadas por dois pisos, sendo de supor que, enquanto no piso térreo se situassem as salas de aula, e serviços (cozinhas, refeitórios, armazéns de víveres, ...), o piso superior fosse ocupado pelos dormitórios e enfermarias.

2. O Colégio Jesuíta (1863-1873; 1873-1910)

Com a passagem do antigo orfanato-seminário de São Fiel para a direcção da Companhia de Jesus, várias mudanças significativas se operaram na sua administração e

regulamento, bem como na própria “missão” da instituição, a qual, progressivamente se transformaria num colégio de elevada reputação nacional, secundarizando assim a vertente caritativa e assistencial que havia, numa primeira instância, norteado a sua fundação. Esta situação havia igualmente ocorrido com o Colégio de Campolide que, por ser a primeira e mais importante instituição de ensino jesuítica em funcionamento em Portugal à época, serviria de paradigma a São Fiel, que adoptou não só o seu regulamento interno, como os métodos de ensino e modelos arquitectónicos, adaptando-os, no entanto, às pré-existências, como também às próprias especificidades geográficas e topográficas da região.

A incorporação de São Fiel na rede de ensino dos inacianos trouxe significativas mudanças ao processo de admissão de alunos, desde logo com o fim da admissão de crianças do sexo feminino. Ainda que tendo continuado a receber de forma gratuita órfãos e crianças desfavorecidas da região, em regime de internato e externato, os quais eram sustentados com os fundos legados por Frei Agostinho e por esmolas, os jesuítas passaram a vocacionar o colégio fundamentalmente para alunos em regime de pensionato, podendo este englobar também a vertente de internato ou externato.

O aumento significativo do número de alunos ao longo dos anos levaria igualmente a que, para além da ampliação das instalações colegiais propriamente ditas, outras infra-estruturas e facilidades fossem sendo desenvolvidas nas suas imediações, como forma de responder às necessidades quotidianas do colégio, tendo estas melhorias sido postas ao serviço, na maioria dos casos, da própria população de Louriçal do Campo. Como exemplos cite-se a abertura de uma estrada que ligava o Colégio à aldeia de Louriçal, a abertura de um posto de correios nas imediações de São Fiel, a abertura em dias de celebração da igreja do colégio aos habitantes locais, e a construção de uma hospedaria, informalmente designada de *Hotel*, para albergar as famílias que se deslocavam a São Fiel para visitar os alunos.

Ao crescimento do edifício principal juntar-se-ia a construção de várias estruturas anexas para acolherem diferentes serviços ligados ao quotidiano do colégio (lavandaria, sapateiro, oficinas de marcenaria, cocheiras, cavaliças, vacaria, adegas,...). Tal tornou-se possível através de uma gradual ocupação dos terrenos da área envolvente, os quais a Companhia foi progressivamente adquirindo ou viu serem-lhe doados por particulares em testamento. As ampliações do edifício principal podem, por isso, ser divididas em quatro fases fundamentais, correspondentes respectivamente e de forma lata, às décadas de 1870, 1880, 1890 e 1900. Crê-se que estas se iniciaram após 1873, com a construção de uma igreja própria, adossada ao lado este do complexo primitivo (1860), em formato de claustro.

A estrutura arquitectónica do templo deveria estar concluída por volta de 1875, no entanto, os trabalhos de decoração, mobilamento e aquisição de imagens santas prolongar-se-iam pela década seguinte. (AZEVEDO:2017, 108). A edificação da igreja constitui um exemplo de como as obras de ampliação foram sendo feitas de acordo com a disponibilidade financeira do colégio em cada momento, privilegiando-se a edificação dos espaços, enquanto a sua ornamentação e acabamentos iam sendo realizados a um ritmo mais lento.

Ao longo da década de 80, enquanto se finalizava a igreja, foi edificado um novo corpo longitudinal, desta vez a oeste do complexo primitivo, formado por três pisos e destinado a albergar , no piso térreo, salas de aula, e no primeiro e segundo pisos, quartos, camaratas e enfermarias. A extremidade oeste deste novo corpo desenvolvido ao longo da fachada foi coroada com um frontão triangular, com um óculo ao centro. Este frontão estaria concluído pelo ano de 1887, vindo a ser demolido anos mais tarde. A década de 1880 ficaria também marcada pela edificação dos dois corpos longitudinais da ala norte, isto é, da parte traseira do complexo, compondo e fechando a planta, sendo estes espaços destinados a albergar armazéns, oficinas e outras áreas de serviços. Estes corpos a norte receberiam um terceiro piso por volta de 1891, pelo que “este acrescento é o único do qual sobrou o croqui do projecto, muito tosco e certamente feito por alguém da casa” (AZEVEDO:2017, 111).

Já na década de 90, entre 1890 e 1896, a ala sul do complexo primitivo (em formato de claustro), terá sido alvo de obras de melhoramento que lhe acrescentaram um terceiro piso, uniformizando assim em altura, este conjunto com o que havia sido construído a oeste na década anterior. O decénio de 1890 seria aquele que beneficiaria de um maior e mais regular impulso construtivo, nomeadamente entre 1896 e 1900, com a edificação de um último bloco na ala sul, contíguo e a oeste do que havia sido levantado na década anterior, com vista a albergar novas camaratas, salas de aula, os gabinetes de ciências (Física e Química) e o museu de História Natural. Este conjunto apresenta-se como o mais imponente de todo o complexo, dado ser mais alto e volumoso que os restantes corpos, bem como por ser coroado por uma pequena torre na extremidade, a qual é circundada por um varandim, tendo sido adicionada em 1901, com o intuito de albergar um observatório meteorológico, mantido em funcionamento até 1910.

O acrescento deste último corpo levaria a que, entre 1902 e 1904, o frontão construído em finais de 80 fosse demolido, assim como a mudanças ao nível da circulação, nomeadamente na entrada para o complexo, a qual passou a ser feita pela extremidade oeste do novo bloco, tendo sido também alargado o espaço junto à mesma, com a criação de um logradouro ajardinado.



Fig.2- Vista geral do complexo de São Fiel e dos terrenos envolventes que integram o projecto REVIVE. Consta-se o número significativo de construções localizadas ao longo destes terrenos, correspondendo na sua grande maioria a espaços destinados a serviços ligados ao quotidiano do colégio.

Legenda:

- A- Edifício principal (colégio)
- B- Central eléctrica, garagens e habitação
- C- Habitações exteriores – Antigo Hotel
- D- Lavandaria
- E- Serração nova
- F- Serração antiga e habitação
- G- Seca enchidos e adega
- H- Apoio agrícola
- I- Vacaria e pombal
- J- Arrumo e garagem
- K- Suinicultura
- L- Casa do hortelão

Fonte: Caderno de encargos do projecto REVIVE para este imóvel

O Reformatório e Instituto de Reeducação de São Fiel (1920-2003)

Com a implantação da República e consequente deserção imediata e inesperada do Colégio de São Fiel por parte da comunidade jesuítica, as suas infra-estruturas entram num processo de abandono, sendo alvo de actos de vandalismo e pilhagens, enquanto ao nível das instâncias governamentais se procuravam soluções quer para o valioso espólio científico ali albergado, quer para o complexo arquitectónico, com a procura de novas funções para o mesmo. Assim, com a publicação do decreto de 8 de Outubro de 1910, o qual ditou a expulsão dos jesuítas do território nacional, bem como o confisco de todos os seus bens pelo Estado português, o colégio encerra portas.

A 19 de Novembro de 1910, Afonso Costa, na qualidade de Ministro da Justiça, e por meio da Direcção Geral dos Negócios Eclesiásticos, nomeia a comissão responsável pelo estudo e inventariação dos espólios do Colégio de Campolide e, 25 de Novembro, uma outra responsável pelos espólios de São Fiel. Esta última seria dirigida por José Ramos Preto, dela resultando um relatório (PRETO:1911) feito chegar a Afonso Costa a 1 de Março de 1911. O relatório defendia que as colecções e espólios em questão deveriam ser distribuídos por várias instituições de ensino, assistência e administração do distrito de Castelo Branco, com destaque para o liceu da cidade, a fim de poder dota-lo de melhores equipamentos e materiais.

Quanto às novas funções, o destino a atribuir às instalações de São Fiel seria a correcção e reinserção de menores do sexo masculino, tendo, em 1920, sido criada pelo Ministério da Justiça e dos Cultos – Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores - a Escola Industrial de Reforma de São Fiel. Alguns anos mais tarde, esta viria a ser reestruturada, passando, em 1925, a designar-se Reformatório de São Fiel (MARTINS:2006, 838). Todavia, antes da transformação deste espaço em reformatório, entre 1916 e 1917, parte do complexo de São Fiel foi adaptado a sanatório, destinado ao tratamento dos militares portugueses que haviam contraído tuberculose durante a 1ª Guerra Mundial tendo, por isso, o alpendre que percorre a fachada principal sido construído para este efeito e durante o período em questão.

Entre 1928 e 1935, um conjunto significativo de obras seriam levadas a cabo nas estruturas do antigo colégio, por forma a “alojar uma comunidade de crianças e jovens dividida em quatro grupos etários, com dependências próprias (camarata, sala de família, instalações sanitárias, refeitório, sala de aula e recreio), bem como dispor de estruturas que assegurassem cuidados de saúde, educação escolar e formação profissional (oficinas); havia ainda que providenciar o alojamento do numeroso pessoal que servia o reformatório e proceder à exploração agrícola da propriedade; as alterações mais sensíveis ocorriam na compartimentação do interior e na reutilização dos espaços, agora com outras funções; à excepção da galeria exterior, levantada na frontaria, o conjunto arquitectónico jesuíta mantem-se praticamente inalterável” (REVIVE:2017, 14).

Em 1962, o reformatório passa a designar-se, devido a mudanças na legislação de menores e dos seus serviços, Instituto de Reeducação de São Fiel, sendo alvo ao longo das décadas de 60 e 70 de várias campanhas de obras, com vista quer à manutenção das estruturas existentes, quer à construção de novas, como foi o caso do pavilhão gimnodesportivo, inaugurado em 1968. Entre 1991 e 1994, o Instituto é encerrado, devido à necessidade de obras, numa altura em que o número de alunos começava a decrescer acentuadamente. Este voltaria a reabrir em 1994, com cerca de 30 alunos que ocupariam apenas as partes sudoeste do complexo. Em 2003, o então Centro Educativo de São Fiel abandona definitivamente o lugar da Pelota, transferindo-se para a Tapada da Renda. A partir desta data, todo o conjunto fica desocupado, passando a apresentar bastantes sinais de degradação (REVIVE:2017,15).

O complexo arquitectónico de São Fiel: arquitectura, artes decorativas e espólio artístico

Começando pela caracterização arquitectónica do edifício principal, finalizado por volta de 1905 (poucas seriam as alterações efectuadas após a expulsão dos jesuítas), este

apresenta essencialmente um formato de “E” invertido (MARTINS:2016, 341), sendo composto por diversas alas de planta rectangular, com um, dois ou três pisos em altura, destacando-se, no extremo ocidental, a presença de uma pequena torre.

As sucessivas campanhas de ampliação pretenderam responder às necessidades sentidas em cada momento, não se verificando, por isso, um planeamento arquitectónico *a priori*, mas antes acrescentos vários que conferiram uma disposição orgânica ao conjunto, bem como acabariam por levar à necessidade de demolições de estruturas anteriores, algumas edificadas poucos anos antes, como foi o caso do frontão da fachada. Desconhecem-se os nomes dos responsáveis pelo desenho dos projectos de construção e ampliação, pelo que se pensa que estes projectos e obras tenham sido fundamentalmente concebidos por membros da Companhia e, em particular, do colégio, que apresentavam uma maior apetência para “as artes” (AZEVEDO: 2017, 111), não obstante a existência de algumas excepções.

O edifício principal destaca-se do conjunto pela sua grande escala e dimensões, bem como pela sua heterogenia de formas e volumetrias, das quais resulta uma complexidade funcional e de circulação, estando esta articulação espacial ligada ao próprio quotidiano e actividades desempenhadas no colégio, assim como às suas rotinas e horários. “Por conseguinte, toda a área espacial arquitectónica do colégio apresenta várias (sub) áreas, por exemplo: área da comunidade (portaria, com uma porta ampla e larga, locutórios, cubículos, camaratas, botica/enfermaria, rouparia, balneários, refeitórios e cozinha/dispensas); área escolar /instrutiva (salas de aula com o seu mobiliário simples, salas de estudos., salas de actos solenes, biblioteca, museu, laboratórios, gabinetes de física/história natural, etc.); área recreativa e lúdica (pátio interior e de recreio no exterior); área religiosa [igreja] ” (MARTINS:2016., 339).

Ainda que durante o século XIX não existisse um “modelo” arquitectónico oficial para os colégios da Companhia, as instâncias provinciais recomendavam que estes fossem locais são, arejados, higiénicos e bastante luminosos. Estas directrizes são identificáveis, ao nível da arquitectura de São Fiel nas preocupações higienistas na construção de espaços amplos, com pé direito elevado, por forma a facilitar a circulação de ar, sobretudo nos refeitórios e camaratas; no elevado número de janelas que se rasgam ao longo dos vários alçados do conjunto, bem como na criação de clarabóias, por forma a facilitar o arejamento e a entrada de luz natural; na existência de algumas varandas e varandins; na inclusão de salas destinadas a enfermaria e quarentena; e na instalação de cabines de duche.

Do ponto de vista construtivo, o complexo apresenta uma grande robustez, sendo as paredes de alvenaria de pedra, e as coberturas exteriores em formato de telhados de duas, três

ou quatro águas. Quanto às janelas, estas são fundamentalmente de três tipos: as das partes mais antigas do complexo, isto é, até ao acrescento do último corpo na década 1890, apresentam quer ao nível da fachada, quer das traseiras e pátios interiores uma forma quadrada ou rectangular e uma moldura simples em granito, enquanto as que correspondem a este corpo mais recente (mais alto e largo), revelam uma tipologia de sacada, em forma de volta perfeita. Na fachada principal desta última ampliação há ainda a ressaltar a existência de uma terceira tipologia composta por dois janelões bipartidos (correspondentes no interior ao salão festas), com moldura em granito simulando capitéis e na zona da bandeira decorada com um óculo em forma de quadrifólio, preenchido com vitral colorido. A profusão de janelas, aliado ao carácter longitudinal da fachada do colégio, imprimem-lhe ritmo, o qual apenas é interrompido pela fachada em granito da igreja, localizada a este.

Passando para o interior, os tectos são maioritariamente revestidos a madeira, alguns ornamentados com elementos decorativos em estuque, sobretudo junto ao local de iluminação. Verifica-se ainda algumas coberturas em betão, fruto de intervenções mais recentes. No que concerne aos pavimentos, constata-se o recurso a lajeado de granito em torno do claustro, o uso de mosaico hidráulico (padrão de xadrez) em alguns corredores, sendo, no entanto, a pavimentação em madeira a solução mais recorrente.

Relativamente às artes aplicadas, salienta-se o trabalho de carpintaria presente na execução de portas, portadas, rodapés e tectos em madeira, bem como o emprego de vitrais coloridos em algumas janelas e portas interiores. De destacar igualmente o uso de azulejo para o revestimento dos lambris de alguns dos corredores centrais, de padrão azul e branco com motivos florais em forma de “X”, e friso no rodapé com motivo de “gregas”, desconhecendo-se a fábrica produtora. De ressaltar também a presença de pinturas “de fingidos” nas paredes e pinturas murais na zona da entrada principal (REVIVE:2017, 25), bem como o trabalho de serralharia presente nomeadamente no varandim da torre a oeste e no gradeamento da escadaria principal que une os três pisos da ala poente.

No que se refere à igreja, esta foi edificada no local da capela do antigo orfanato (MARTINS:2016, 335), sendo a sua fachada em granito e composta por três níveis: o inferior, correspondente à entrada; o intermédio, composto por um grande janelão de vitral; e o superior, em forma de frontão, com um nicho de grandes dimensões, que originalmente albergou a estátua de São Fiel, posteriormente recolocada no jardim da entrada.

No interior, esta segue o modelo jesuíta da igreja salão, de nave única e capela-mor profunda, com abóbada abatida e pavimento em madeira. As paredes são em alvenaria, com sacristia a nascente. O coro alto situa-se no nível intermédio da fachada. As paredes laterais

apresentam reentrâncias em formato de volta inteira e com moldura em granito, destinadas a albergar altares, sendo a zona dos lambris revestida azulejo de padrão azul e branco. Observa-se a presença de dois púlpitos em madeira, colocados em cada um dos lados, acima do olhar do visitante, seguindo a tradição jesuítica. O altar é composto pela capela-mor ao centro, mais alta e profunda que as laterais, estas apenas formadas por reentrâncias destinadas a acolher altares, apresentando as três capelas um formato de volta inteira, salientado pela moldura em granito. De destacar ainda os vários elementos em cantaria lavrada.

Quanto aos espaços exteriores com maior relevância, sobressaem a alameda arborizada de acesso à igreja, o jardim da entrada, com canteiros e arbustos e onde se encontra a estátua de São Fiel, os quatro recreios murados situados no prolongamento oeste da fachada, o antigo jardim do claustro e o jardim de cariz romântico, situado defronte da fachada principal. Alguns edifícios destinados a serviços de apoio merecem também destaque, nomeadamente o da serração antiga e o que albergava a vacaria e o pombal, pela sua dimensão, proporções e volumes harmoniosos, seguindo ambas a tipologia de dois corpos laterais desenvolvidos longitudinalmente separados por um terceiro corpo, este mais alto e avançado, apresentando ainda pinturas “de fingidos” no exterior.

Finalmente, e no que diz respeito ao espólio artístico de São Fiel, as encomendas realizadas para pelos membros da Companhia para o colégio e igreja “não são numerosas, nem de grande aparato. (...) Regra geral, não se conhecem obras-primas nas encomendas de arte dos jesuítas para o colégio. Excepto dois casos em que as obras de arte se afastam visivelmente desse plano secundário. Aquela que mais chama a atenção é a estátua da Imaculada Conceição, em mármore, [datada de 1904] que ao presente se encontra no remate da cimalha da fachada principal da Igreja Paroquial de Louriçal do Campo e é obra (...) do escultor Teixeira Lopes. O seu lugar original era ao ar livre, nos arredores do colégio, na banda nordeste erguida sobre uma coluna com uma inscrição, fechada em terreiro com varandim. Tudo assente em socos de pedraria granítica” (AZEVEDO:2017, 121).

Outra das obras escultóricas que se destaca é a estátua dedicada ao mártir cristão, originalmente concebida para a fachada da igreja do colégio. Possivelmente encomendada por volta de 1880, aquando da finalização dos trabalhos da igreja, desconhece-se o seu autor (AZEVEDO:2017, 123). Também em mármore, trata-se de uma figura de feições idealizadas, cabelos encaracolados, envergando vestes compridas, enquanto uma das mãos segura um pergaminho e a outra a palma do martírio.

Quanto à aquisição de obras de pintura, conhecem-se “algumas notas de encomenda e facturas de pagamentos relativos à compra de quadros votivos (...). Alguns de dimensões

apreciáveis, certamente para dependurar em lugares estratégicos no colégio, e outros, de pequenas dimensões, para vender e oferecer aos devotos” (AZEVEDO:2017, 124). Várias são também as notas e apontamentos que mencionam a aquisição de alfaias litúrgicas, estatuetas em madeira e gesso para adornar altares e painéis azulejares “de almas”. As destruições, pilhagens, roubos e arremates em hasta pública ocorridos após o encerramento do colégio terão certamente contribuído para o desaparecimento não só da quase totalidade do recheio artístico de São Fiel, como também da documentação a ele associada.

Considerações finais

O incêndio que deflagrou em Louriçal do Campo na noite de 15 para 16 de Agosto de 2017 destruiu a grande maioria das estruturas do complexo de São Fiel, levando, deste modo, a perdas patrimoniais bastante acentuadas para a história do antigo colégio e da região. No entanto, algumas partes do edifício principal e de edifícios de apoio sobreviveram, tendo sido apenas ligeiramente afectada pelo incêndio uma das alas internas do colégio, situada a oeste, contígua ao corpo de maior volumetria, este destruído. As zonas anexas à igreja foram também apenas em parte afectadas, não tendo sofrido qualquer dano os edifícios correspondentes à antiga lavandaria (D), e à central eléctrica, garagens e habitação (B). Sobreviveram também as paredes exteriores, cuja robustez construtiva terá certamente constituído uma mais-valia neste contexto de desastre.

Crê-se, por isso, que as mesmas devam ser preservadas e integradas no projecto de reconstrução e requalificação, o qual deverá igualmente preservar os valores arquitectónicos e decorativos das partes sobreviventes, bem como remover materiais e alterações de origem mais recente, que possam perturbar ou interferir com estes valores.

Por último, sugere-se a recriação de espaços arborizados e ajardinados tendo em conta alguns dos aspectos primitivos do local, para que a memória do colégio possa ecoar no novo empreendimento que ali terá lugar.

BIBLIOGRAFIA

A.A.V.V., *REVIVE - Mosteiro de São Salvador de Travanca – Caderno de encargos*. Lisboa: Ministério das Finanças; Direcção Geral do Património e Cultura; Turismo de Portugal, 2017
ARAÚJO; António, *Jesuítas e Antijesuítas no Portugal Republicano*. Lisboa: Roma Editora, 2008
AZEVEDO, Leonel, *De Seminário para meninos órfãos de ambos os sexos a colégio de São Fiel (1852-1910)*. Volume 1. Castelo Branco: RVJ Editores, 2017

- AZEVEDO, Luís Gonzaga de, *Proscritos: notícias circunstanciadas do que passaram os religiosos da Companhia de Jesus na revolução de Portugal de 1910*. Vol. 1 e 2. Valladolid: Florencio de Lara, Editor, 1911-1914
- BOAVENTURA, Armando, *O Reformatório de São Fiel In Notícias Ilustrado*, nº39, série II, 10.03.1929, pp.28-30
- CALDAS, José, *Os Jesuítas: A sua influência na actual sociedade portuguesa: meio de a conjurar*. Porto: Livraria Chardron, 1901
- CASIMIRO, Acácio, *Expansão e actividade da Companhia de Jesus nos domínios de Portugal, 1540-1940*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1941
- FERRÃO, Pedro, *A educação jesuítica: O colégio de S. Fiel; Subsídios para a historia contemporânea dos jesuítas*. 1910: Lisboa: Guimarães & C.A.
- FERREIRA, A. Aurélio da Costa, *A Educação Moral e Religiosa nos Colégios dos Jesuítas*. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor, 1910
- FRANCO, José Eduardo (coord.), *O esplendor da austeridade: Mil Anos de Empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Património*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2011
- GRAÍNHA, Manuel Borges, *Os jesuítas e as congregações religiosas em Portugal nos últimos trinta anos*. Porto: Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1891
- _____, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em latim pelos padres do mesmo colégio onde foi encontrado o manuscrito e mandada publicar pela comissão parlamentar nomeada pela Câmara dos Deputados da República Portuguesa para proceder ao exame dos papéis dos jesuítas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913
- MARTINS, Ernesto Candeias (Associação Hisculeduca) (coord.), *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel 1863-1910*. Castelo Branco: RVJ – Editores. Lda, 2016
- _____, *De Colégio de São Fiel a Reformatório (Séc. XIX-XX). Contributos à (re)educação em Potugal*, 2006[em linha]
- <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/72ErnestoCandeiasMartins.pdf>
- MONCADA, Luís Cabral de, *Memórias*. Lisboa: Verbo, 1992
- MORNA, Teresa Freitas, *Os Jesuítas e a Arte In O Púlpito e a Imagem*, coord. Nuno Vassalo e Silva. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia; Museu de São Roque; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996, pp. 13-41
- PRETO, José Ramos, *Relatório sobre o extinto Colégio de São Fiel da Companhia de Jesus*. Lisboa: Tipografia Maurício, 1911

REFOIOS; Joaquim Augusto de Sousa, *O Colégio de S. Fiel no Lourical do Campo e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã. Apontamentos sobre o Jesuitismo no Distrito de Castelo Branco*. Coimbra: F. França Amado Editor, 1901

RODRIGUES, Francisco, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões. Esboço histórico – superiores-colégios – 1540-1934*. Porto: Edições do Apostolado da Imprensa, 1935

ROMEIRAS, Francisco Malta, LEITÃO, Henrique, *Jesuítas e Ciência em Portugal V– Os Colégios de Campolide e de São Fiel e a implantação da República In Brotéria – Cristianismo e Cultura*, nº5/6, 2 volume 174, Maio/Junho 2012, pp. 425-440

ROMEIRAS, Francisco Malta, *Ciência, prestígio e devoção: os jesuítas e a ciência em Portugal (séculos XIX e XX)*. Cascais: Lucerna, 2015

ROSA, José Mendes, *Colégio de São Fiel. Ecos da Memória*. Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC), 2004

SALVADO, Maria Adelaide Neto, *O Colégio de São Fiel – Centro difusor da Ciência no interior da Beira*. Castelo Branco: SEMEDO – Soc. Tipográfica, Lda, 2001

VILLARES, Artur, *As ordens religiosas em Portugal nos princípios do séc. XX In Revista História*, vol. 13, 1995, pp. 195-